

O Dilema da Felicidade: entre a reflexão filosófica e a “medição” científica

Dejalma Cremonese¹

Ricardo Corrêa²

Resumo: Este artigo discute o tema da felicidade sob o viés filosófico e sob o viés da medição científica. Apresenta, inicialmente, os conceitos-chave que envolvem a teoria da felicidade tratada pelo filósofo espanhol Julián Marías. O filósofo, surpreende-se do pouco interesse intelectual sobre a felicidade. No entanto, reconhece a dificuldade metodológica do estudo do tema, vendo como um objeto problemático a intenção de mensurá-la. Por outro lado, contemporaneamente, a felicidade é tratada como ciência, já que ganha respaldo nas ideias utilitaristas. Tais ideias sobre felicidade permitem um “tratamento” científico, encontrando respaldo entre governos e grandes empresas, principalmente empresas de tecnologia, como as Big Tech’s. Assim, Julian Marías e seus ensaios sobre felicidade podem aparecer e ocupar o campo da filosofia, sendo possíveis um diálogo e uma reflexão, a partir do filósofo espanhol, com a ciência da felicidade? Esse é o desafio do presente artigo.

Palavras-chave: felicidade; bem-estar; ciência;

The Happiness Dilemma: between philosophical reflection and scientific measurement

Abstract: This article discusses the theme of happiness from a philosophical point of view and from the point of view of scientific measurement. Initially, it presents the key concepts that involve the theory of happiness treated by the Spanish philosopher Julián Marías. The philosopher is surprised by the little intellectual interest in happiness. However, he recognizes the methodological difficulty of studying the subject, seeing the intention to measure it as a problematic object. On the other hand, nowadays, happiness is treated as a science since it gains support in utilitarian ideas. Such ideas about happiness allow a scientific "treatment", finding support between governments and large companies, mainly technology companies, such as Big Tech's. So, can Julian Marías and his essays on happiness appear and occupy the field of philosophy, being possible a dialogue and a reflection, from the Spanish philosopher, with the science of happiness? That is the challenge of this article.

Keywords: happiness; well-being; science;

¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2006). Atualmente é professor Associado II do Departamento de Ciências Sociais da UFSM. Professor do Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFSM.

E-mail: dcremoisp@yahoo.com.br

² Mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí, doutorando no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM. É professor do IFFar - Campus Santo Augusto.

E-mail: ricardo.correa29@gmail.com

Introdução

Se a clareza textual e argumentativa é a cordialidade do filósofo, como Ortega y Gasset gostava de assinalar, Julián Marías herdou do amigo tal etiqueta. O estilo pessoal, prezando o diálogo, pintando imagens, analogias e clareando, página a página, seus termos e suas teses formam a escrita que fazem de Julián Marías um filósofo cordial, daqueles que nos enredam até quando discordamos. Destacamos tal fato, pois encontramos nas obras do filósofo hispânico a predileção pelo ensaio, combinando sempre bases argumentativas alicerçadas em temas metafísicos. cremos que o pouco prestígio e o quase total desconhecimento dos estudantes brasileiros de ciências sociais da obra do espanhol se devem a tal fato. Estilo, personalidade, analogias, alegorias deram lugar, hoje, à impessoalidade, “às provas” ancoradas em estatísticas, análises documentais e mais. Tudo isso é importante, fora a forma *paper* da divulgação científica. Aliás, o problema da demarcação entre ciência e não ciência está longe de ser resolvido. E se até epistemólogos como Karl Popper (1980, p. 12) sustentam que o critério de demarcação entre ciência e não ciência é um acordo de convenção, que obedece a juízos valorativos e predileções, o fechamento acadêmico atual aos ensaístas é um absurdo.

Mas Julián Marías era um metafísico e, como Ortega y Gasset (2016), também partia da fenomenologia para o ser como eu envolto no ser do mundo. A vida não é feita, não “está dada”, mas é projeto. Se, obviamente, suas obras o creditam mais como filósofo do que como sociólogo, há muitos temas e problemas de Sociologia e Antropologia que são analisados por Julián Marías, como podemos perceber em obras como *A estrutura social* (1955) e *O tema do homem* (1975).

Antes, porém, de adentrarmos nos temas e problemas suscitados pelo filósofo espanhol, precisamos contextualizar o leitor quanto à sua obra e seu “entorno”, senão não estaríamos sendo honestos quanto ao método e à corrente filosófica do próprio filósofo, que se inscreve dentro da tradição fenomenológica de cunho gassetiana.

1 O autor: contexto histórico e obra

Há um consenso em considerar Julián Marías como um dos principais filósofos espanhóis do último século. Sua grande capacidade, inquietação e sensibilidade intelectual fora visível desde muito cedo. E a vasta bagagem cultural que ele estimava começou a ser forjada de forma precoce também. Julián Marías Aguilera nasceu em Valladolid em 17 de junho de 1914, sendo o terceiro filho de uma família católica de classe média. Seu pai, Julián Marías

Sistac, era um agente bancário. Sua mãe, María Aguilera Pineda, dedicou-se às tarefas domésticas e foi quem o introduziu na fé cristã. A I Guerra Mundial eclodira e Marías acompanhou desde criança os desdobramentos desse conflito. Aprendeu a ler sozinho e teve a influência do pai na paixão pela leitura: “Desde os 11 anos foi acumulando bons livros, até ir formando uma pequena biblioteca (MARIÁS, 1966, p. 433, 434). Além de peças infantis e romances de aventura, nessa idade lendo jornais e até ensaios filosóficos. “Não tenho medo de estar errado se digo que a vocação intelectual foi despertada em mim muito cedo”, confirma (idem. *ibidem.* p. 433, 434).

Ainda adolescente, já havia aprendido diferentes idiomas. Foi se familiarizando com o francês, o alemão e o latim, vindo a aprender a língua grega quando estava na universidade. A língua inglesa foi dominada um pouco mais tarde, com 37 anos, quando viajou aos Estados Unidos. Tais conhecimentos linguísticos o ajudaram a traduzir e ler livros em distintos idiomas, lendo os clássicos na língua original e, também, ministrar conferências em diversos países da Europa.

No ano de 1931, começou seus estudos universitários matriculando-se tanto na Faculdade de Ciências como na Filosofia e Letras, vindo a abandonar logo depois, dedicando-se exclusivamente à área das humanidades, descobrindo nela a sua vocação mais autêntica, sobretudo na sua forma filosófica. A Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de Madrid vivia, na época, a sua era do “ouro”, tendo Ortega Y Gasset como o principal expoente além de Manuel García Morente – o decano –, Xavier Zubiri, José Gaos, Julián Besteiro, Ramón Menéndez Pidal, Manuel Gómez-Moreno, Américo Castro, Claudio Sánchez Albornoz, Pedro Salinas, Miguel Asín Palacios, Enrique Lafuente. Teve contato também com Miguel de Unamuno, Jorge Guillén, Dámaso Alonso, Gerardo Diego, Jacques Maritain Federico García Lorca, Miguel Hernández, Pablo Neruda... Foi na Faculdade de Ciências e Letras que conheceu Dolores Franco (Lolita), com que se casou em 1941. A grande capacidade intelectual que ela também valorizava e o profundo amor que havia entre eles marcaram não só a vida, mas também o trabalho do filósofo. No ano de 1970 publicou o livro *Antropologia metafísica*, no qual apresenta uma metodologia para estudar o homem, o que o chamará de “estrutura empírica da vida humana”.

Quanto mais Marías avança em idade, mais produtiva fica sua vida intelectual com a publicação de ensaios, artigos e livros. A última etapa de sua investigação filosófica centra-se, principalmente, na realidade da pessoa humana como tal, temática que já fora evidenciada na década anterior, na obra *Antropologia metafísica*. Em 1979, publicou o livro *Problemas do cristianismo*, que traz uma reflexão filosófica sobre a fé cristã. Vários autores creditam a Marías

um exímio pensador personalista na última etapa de sua vida, com uma reflexão centrada na pessoa. Em 1980, publica a obra *A mulher no século XX*, uma reflexão sobre a influência do impacto das variações sociais e históricas no gênero feminino. Mais à frente, em 1986, o livro terá continuidade com a obra *A mulher e sua sombra*. Escreveu também o livro *Breve tratado da ilusão*, no ano de 1984. Nele Marías confidencia: “a ilusão tem apresentado sempre um papel essencial em minha vida; sem ela tem sido muito difícil pensar as coisas (...). Me parece que a única maneira de viver que vale a pena é a de viver iludido” (MARÍAS, 2009, p.14).

2 Ideias centrais sobre a felicidade humana

Um dos temas centrais de sua trajetória acadêmica é o tema da felicidade. Mesmo procurando ponderar sobre as possíveis reflexões filosóficas, Marías afirma que a estrutura social é responsável por incluir os ingredientes da expectativa de felicidade individual: “As estruturas sociais determinam parcialmente a possibilidade, as formas e os conteúdos concretos das trajetórias felizes das vidas individuais” (MARÍAS, 1955, p. 188). Obviamente, as estruturas sociais implicam ideias que, por sua vez, implicam um programa, uma “existência” mental. Assim, as ideias relacionadas às estruturas sociais estão sempre tensionadas, portanto, o mesmo acontece com as ideias de felicidade.

O livro de Marías é fundamental para uma compreensão de felicidade e a busca individual da felicidade, enquanto exercício de reflexão filosófica. Além do conceito “felicidade”, no decorrer da leitura da obra *A felicidade humana*, nos deparamos com temas sobre o amor, a liberdade e a morte.³

A primeira ideia que o livro nos traz é a de que não se pode confundir a felicidade com sensações de alegria, bem-estar e prazer. Amparado na filosofia clássica, Marías entende que felicidade não é algo momentâneo (passageiro). Para ele, os gregos (isto é, os intelectuais) pensaram a felicidade de forma diferente da nossa compreensão atual. Marías vincula a ideia do legislador grego Sólon, que afirmava nunca ser possível dizer “sou feliz enquanto estou vivo, porque posso ser acometido por infortúnios e perdas” (MARÍAS, 1955, p. 20). O julgamento sobre a minha felicidade não parte da minha própria concepção, mas de um olhar e visão dos outros. Após a nossa morte é que as pessoas poderão dizer se fomos realmente felizes ou não. Marías, de certa forma, acena para a dimensão escatológica da felicidade, asseverando que a concepção cristã, por muito tempo, “esqueceu a felicidade nesta vida”. Era preciso uma vida

³ A obra foi escrita já na sua maturidade intelectual (aos 73 anos), após várias conferências e aulas ministradas.

austera, dura, amparada no ascetismo para “alcançar” a felicidade plena na eternidade, no “céu”. Marías se contrapõe à ideia cristã da felicidade “pós-morte”, mesmo também concordando que viver apenas este mundo material, físico, e esquecer a dimensão eterna não deixa de ser uma limitada visão. O exemplo do diálogo entre Ulisses e Aquiles, depois de mortos, exemplifica as suas preferências: Diz Aquiles: “é preferível/melhor ser um escravo do último lavrador no mundo (com sua vida plena), do que ser um rei no mundo dos mortos”. A felicidade não pode ser abstrata, “deve ser a minha felicidade”.

Nos nossos dias, a tendência é despersonalizar o humano, reduzi-lo a números estatísticos, restringindo tudo a um esquema aplicável a todos os humanos. Por outro lado, não existe um “modelo” de vida feliz a ser seguido. Cada ser deve buscar a razão do seu próprio existir e construir uma vida feliz a partir de suas próprias opções. De certa forma, a felicidade plena é impossível. Por quê? Porque os humanos são animais descontentes por natureza, diz Marías. Quase sempre o ser humano está descontente. Temos sérias dificuldades de sermos realmente felizes pelas demandas que o próprio mundo material oferece. São milhares de possibilidades e ofertas: compre carro novo, um celular, uma casa, case novamente, tenha filhos, viaje... E a pergunta sempre fica: “será que acertei?”, “fiz a melhor opção?”. O certo é que a vida é feita mais de renúncias do que de escolhas.

Há uma clara confusão nos nossos dias, conforme Marías. Durante momentos de euforias, sensações hedônicas e prazerosas, é comum ouvirmos as pessoas falarem em felicidade, mas a pergunta é: conseguimos manter por muito tempo essas fruições? Muitas delas são efêmeras e passageiras. A felicidade é algo duradouro; por isso a diferença entre ser feliz e estar feliz.

Falar de nós, humanos, é falar das nossas próprias vicissitudes: “Insegurança e inquietude constituem o núcleo da vida humana” (MARÍAS, 1988, p. 33). São raros os momentos de satisfação e alegrias em nossas vidas. Os breves momentos de satisfação e bem-estar devem ser vividos com intensidade, pois raros. Diz Marías: “quando temos uma relativa felicidade parece que o tempo passa mais depressa; quando a vida é penosa, quando passamos mal, cada dia parece muito longo, interminável” (MARÍAS, 1988, p. 35). Somente os estoicos, grupo de filósofos gregos da era helenística, diziam que era possível ser feliz em meio às penalidades e sofrimentos, o que, para Marías, não parece ser muito razoável. O certo é que o ser humano é acometido de várias sensações e sentimentos: das alegrias e satisfações até o descontentamento, tristeza, melancolia, perda, saudade e o aborrecimento. Como diz o filósofo Ortega Y Gasset: “(...) eu sou eu e minhas circunstâncias” (MARÍAS, 1967, p. 52), ou seja, nossa realidade mundana, nossa inter-relação.

Marías, assim como muitos outros filósofos, relê os clássicos da filosofia antiga grega e latina para sustentar seu argumento sobre a felicidade. Felicidade vem de *daimos* + *mákar* – *makários* (feliz), *makaria* e *makariótes* (felicidade). Aristóteles, nos livros I e X da obra *Ética a Nicômaco*, utiliza muito o conceito “eudaimonia” para designar felicidade. Eu (bom) + *daimon* (gênio, espírito) = felicidade é ter um bom *daimon*, o espírito bom que brota dentro de nós; é o desabrochar, florescer algo, ter sorte, prosperidade. Em outras palavras: desenvolver em nós potencialidades que a natureza nos incumbiu. Ou seja: “eu nasci para fazer isso, e faço com excelência”.

É de Aristóteles também que vem a ideia da felicidade como algo permanente e duradouro. Dizia ele: “uma andorinha sozinha não faz verão. Do mesmo modo, um só dia e pouco tempo não o faz venturoso e feliz”. Ou seja, a felicidade requer um longo caminho, quem sabe uma vida inteira, pois podemos sempre ser, como vimos acima, acometidos por infortúnios, perdas e danos. Quem poderia imaginar que o rei troiano Príamo viesse a sofrer, no fim de sua venturosa vida, a dor da morte de seu filho Heitor e ver seu reino destruído pelos gregos? Toda a cautela é pouca quando falamos de felicidade e vida humana, se aceitarmos a concepção aristotélica.

Marías desenvolve a ideia aristotélica sobre a diferenciação entre a *poesis*, *práxis*, e a *theoria*. Por *poesis* (técnica), entendemos a produção e a fabricação de algo; *poesis* seria então o impulso do espírito humano para criar algo a partir da imaginação e dos sentimentos. Por exemplo, faço uma mesa ou uma poesia. Por *práxis* (construção), entendemos a ação destinada à resolução de problemas; ou a atividade cujo fim não é algo distinto dela, senão ela mesma (*energeia*). É uma atividade/ação intransitiva ou moral que tem em si um sentido completo e pleno: ação de ver, julgar, dançar. Por fim, a teoria, que é a busca pelo verdadeiro conhecimento. Em outras palavras, assim como o ser humano se constrói humano a partir das ações e hábitos e torna-se virtuoso, a felicidade vai além, ela é uma *práxis*, uma construção. Essa ideia também pode ser encontrada nas leituras de Platão, nas quais Sócrates defende a ideia de que a virtude pode ser ensinada; motivo por que só erramos por desconhecer a verdade. Marías recapitula também as ideias principais da filosofia helênica clássica trazendo os ensinamentos das escolas dos cínicos, cirenaicos, epicuristas e estoicos. Os epicuristas identificam a felicidade com o prazer (*hedoné*). Mas é bom não confundir os prazeres fugazes e efêmeros dos prazeres perenes e duradouros. É preferível buscar sempre aquilo que nos dá tranquilidade e ausência de dor (*ataraxia*). Em outras palavras, *ataraxia* tem o sentido de serenidade e imperturbabilidade da alma; buscar aquilo que nos acalma.

Já para os pensadores da escola estoica, o lema central era “suporta, abstenha-se e renuncie”: enfrentar a dor e o sofrimento com altivez, a tortura, o tormento, a perseguição. O sábio, diz Sêneca, um herdeiro da escola estoica, deve estar acima de toda adversidade. Eles defendem uma moral da resistência para tempos duros. Os cétricos defendem a indiferença, a *apathia* (ausência de *phatos* = dor, paixão) ou a *aponia* (ausência de dor). É esclarecedora a imagem de um discípulo da escola cética passar por uma estrada e, vendo seu mestre caído na sarjeta nada faz, o que faz com que venha a ser condecorado e parabenizado por seu mestre semanas depois por ter aprendido a lição. Dos cínicos aprendemos a rejeitar toda norma social que oprime, bem como os objetos que nos atrapalham ou impedem de termos uma vida mais simples e serena: “os cínicos eram como mendigos que negam tudo, da limpeza até a cultura” (MARIÁS, 1998, p. 84). Por fim, se Platão e Aristóteles tratam do conhecimento (forma ontológica), as escolas helênicas abordam as atitudes morais (*ethos*) para ser feliz. No latim, a palavra felicidade provém de *felicitas* – que remete a beatitude.

Para o estoico romano Sêneca, que viveu o fim do mundo romano e o início da era cristã, a vida feliz é aquela que está de acordo com sua natureza: “pode chamar-se feliz ao que, graças à razão, não deseja nem teme”; em outras palavras, é feliz aquele que tem soberania sobre si mesmo (MARIÁS, 1998, p. 85). A promessa da felicidade para os cristãos está nas bem-aventuranças do Sermão da Montanha, que podem ser encontradas nos evangelistas Mateus 5, 3-12 e Lucas 6, 20-23. Para os evangelistas, os limpos de coração, os pacíficos que promovem a paz, os pobres de espírito, os que sofrem perseguições, os que têm doçura (suaves e pacíficos), os que choram, são herdeiros da felicidade eterna.

A *simpatia* (*sympatheia* = sentir junto, um com o outro) é um ingrediente fundamental da felicidade. Já o sacrifício (*sacrum facere*) é fazer algo sacro ou sagrado. Essa intenção é bastante recorrente em nossos dias: reduzir o conceito “felicidade” a sensações de bem-estar. Na psicologia positiva, é muito clara essa ideia. No entanto, Mariás define bem-estar como um “conjunto de coisas necessárias para viver bem” (MARIÁS, 1998, p. 158). Em outras palavras, o bem-estar está ligado a instrumentos materiais que fazem com as pessoas se sintam bem e tenha dignidade, é quase impossível se ter felicidade desprovido de todo o aparato material que produz bem-estar (casa, alimentação, segurança, saúde, emprego). Além de aproximar o entendimento do conceito felicidade com o de bem-estar, a felicidade pode ser “aditivada” com momentos prazerosos e de diversão, por que não? Mariás acredita que sim. Ele assim questiona: por que se anula o prazer? O comer com prazer, por exemplo: “o comer com outras pessoas agradáveis é um ato completo (prazeroso)” (MARIÁS, 1998, p. 158). Beber um vinho, licores, cervejas, que apeteçam... ouvir uma música agradável. Optar pelos prazeres gratuitos: ouvir os

pássaros, sentar-se em uma praça, admirar a beleza humana. Marías se contrapõe a todas as visões que pregam renúncias, austeridades e ascetismos como o único caminho.

Levando em consideração a não renúncia e, portanto, relacionando felicidade a diversão, avaliando o verbo *vertere* (voltar/retornar), nos apartamos de algo, deixamos o peso da vida e nos voltamos para algo bom. Marías enfatiza muito as ocupações felicitárias da vida. É preciso, diz ele, prestar atenção aos “recreios” da vida. Os recreios são intervalos que lembram nossas séries iniciais do colégio primário. Aproveitar os recreios da vida: férias, folgas, veraneios. Marías volta a destacar a felicidade que perdura. A felicidade não é um estado de ânimo, nem mero prazer, nem uma soma de prazeres e tampouco é algo que afete a dimensão social, a certas condições da vida. A felicidade é um atributo da vida humana. É uma questão interna que perdura; neste sentido, não se deve confundir felicidade com prazer: “a felicidade não é um ‘estado’, senão uma instalação vectorial que envolve a vida inteira” (MARÍAS, 1998, p. 247). O entendimento de felicidade, hoje, está voltado para a busca da riqueza, poder, prazer, porém não é felicidade (MARÍAS, 1998, p. 254). Em outras palavras, conclui Marías: “não se pode esquecer que a felicidade é como a vida humana: argumental e dramática” (*idem. Ibidem*, p. 254).

Notamos que Marías dá um sentido especial à vida biográfica dos seres humanos considerando todas as suas vicissitudes. A felicidade, diz ele, não é algo que afeta a vida humana psíquica, senão a vida no sentido estrito, a vida biográfica. O que importa é viver em plenitude cada momento e não pensar o “esqueleto” da felicidade, como um corpo sem conteúdo. Mais à frente, diz o autor: “viver não é fácil, a vida humana é uma operação sumamente delicada, que requer talento, imaginação e esforço” (MARÍAS, 1998, p. 318).

Assim, torna-se muito difícil, ao estudante e ao leitor interessado pelo tema da felicidade, não notar o confronto entre a concepção de Marías e as concepções largamente difundidas, hoje, sobre a felicidade e sua utilização em pesquisas econômicas, psicológicas, sociológicas. Os filósofos clássicos, a começar por Platão, complexificaram a noção de felicidade, como podemos notar nas páginas anteriores, pois a atitude contemporânea é a de simplificar, “enxugar”, generalizar tal termo a fim de utilizá-lo como um termo “científico” e que sirva para pesquisas empíricas. Nada de errado em tal procedimento, apenas apontamos o fato de tal termo ser “carregado”, ocupando certo *status* na tradição euro-ocidental de onde se vinculam muitas ideias, concepções, aspirações, desejos, sentimentos e emoções. Assim, nos parece que há um conjunto de concepções ligado à felicidade, proveniente da cultura e da tradição. Tais concepções entram em linha de conta quando os pesquisados respondem a perguntas sobre felicidade, conforme os parâmetros científicos? Antes de respondermos a tal

questão, precisamos entender o que está em jogo, econômica e politicamente, quanto ao uso da “nova ciência da felicidade”. Para tal, abordaremos, na seção seguinte, obras recentes e tensionaremos tais conforme nosso problema.

3 A “medição” da felicidade e seus usos

O principal objetivo desta seção é apresentar obras contemporâneas críticas à noção “científica” de felicidade. Expõem-se, aqui, as posições teóricas de José Van Dijck, Tomas Poell e Martijn de Waal, na obra *The platform society* (2018), e a de William Davies, em *Happiness industry* (2016), a fim de compreender melhor por que a concepção de felicidade da corrente utilitarista é homogênea nas Plataformas Sociais das *Big Five*⁴ (Apresentam-se duas interpretações sobre as *Big Five* que lançam luz sobre tal concepção de felicidade). Para isso, debateremos, de forma sucinta, a concepção de felicidade que vigora e que foi instaurada nas Plataformas Online; a denominada concepção utilitarista de felicidade, seguindo dois dos mais expoentes utilitaristas contemporâneos: Daniel Kahneman (1999) e Richard Layard (2008), além do neurologista e neurocientista António Damasio (1996 e 2003). Não é intenção seguir, neste breve artigo, de forma pormenorizada, as discussões e reflexões que a corrente utilitarista nos legou sobre a felicidade. Apenas expor alguns nomes contemporâneos que servem como uma espécie de baliza geral de tal corrente de pensamento.

Daniel Kahneman e sua *Objective happiness* (1999), e o economista Richard Layard, em sua obra *Felicidade: lições de uma nova ciência* (2008), têm atualizado o conceito de felicidade – dentro das linhas da filosofia utilitarista⁵ – em que esta passa a responder a pares de opostos como satisfação/insatisfação, bom/ruim, prazer/desprazer, abrindo a possibilidade da pesquisa objetiva dentro do quadro “O quanto somos felizes?”, com respostas do tipo: muito, razoavelmente e pouco feliz. Esse é um caminho para as pesquisas sociológicas sobre felicidade, mas vemos que o termo felicidade, em muitas dessas pesquisas, pode ser substituído por prazer, satisfação, etc. Assim, pensamos ser crucial buscar o desenvolvimento ou caminho da ideia ou ideias de felicidade que nos atravessam enquanto seres sociais. António Damásio (1966, p. 177), em duas célebres obras (*O erro de Descartes*) e *Looking for Spinoza* (2003, p. 88), também recorre ao expediente emoção e sentimento para tratar a felicidade. Em uma

⁴ A denominação Big Five consta na obra de Van Dijck *et al.* (2018) e refere-se às *companhias Facebook, Amazon, Alphabet-Google, Apple e Microsoft*.

⁵ Bentham (1984, p. 15 a 22) fez da felicidade um princípio de escolha ligado aos prazeres e à dor e passível de mensuração científica.

passagem sobre sentimentos, na obra *O erro de Descartes* (1966), Damásio entende a felicidade como a “percepção de certos estados corporais e de pensamentos que estejam justapostos, complementados por uma alteração no estilo e na eficiência do processo de pensamento”. Assim, a felicidade ganhou notoriedade e pode ser um componente importante do mundo contemporâneo, pelo menos nos países ocidentais. O tema da felicidade, então, sai do campo da filosofia, da ética mais especificamente, e ganha ares de cientificidade. A felicidade agora pode ser medida, comparada, escalonada e provada empiricamente. É assim que muitas universidades, norte-americanas e britânicas, desenvolvem pesquisas sobre a felicidade e influenciam as plataformas sociais *online*.

Aqui abrimos um parêntese e passamos às obras sobre as grandes companhias de mídia social e suas interpretações nas obras de Davies e Van Dijck et al. Há pontos de convergência entre as posições de Davies e Van Dijck et al. sobre a capacidade que tais companhias têm de impor valores e, conseqüentemente, direcionar e “manipular” emoções e sentimentos dos usuários. Mas há muitos tensionamentos. Citamos algumas obras sobre a felicidade e suas possibilidades de “medida”. Isso torna-se importante devido à capacidade que algumas plataformas têm de “dadificar”, “comodificar”, selecionar dados consoantes, por exemplo, ao tema da felicidade.

Para começar, expomos alguns pontos da tese de Davies em *The happiness industry* (2016), pois é uma obra anterior à de Van Dijck et al. (2018). Optamos por uma ordem meramente cronológica na exposição. Segundo Davies, desde a fundação do Fórum Econômico Mundial em 1971, em Davos, na Suíça, esse badalado encontro de milionários, velhas raposas (políticos “aposentados”), representantes de ONG’s e celebridades tem se mostrado um bom indicador (*useful indicator*) do “zeitgeist” dos rumos da economia global.

Assim, nos anos 70 do século passado, o WEF (*World Economic Forum*) tinha como principal abordagem de suas conferências, falas e minicursos, o problema da queda da taxa de crescimento. Nos anos 80, foi a desregulamentação do mercado; nos anos 90, a inovação tecnológica e a Internet. Nos anos 2000, com o aquecimento da economia global, o fórum voltou-se para o “social”. Claro que, após o *11 de setembro*, o fórum tratou de segurança e terrorismo. Houve um abalo no fórum depois da crise de 2008 nos EUA. Mas, em 2014, no encontro anual, ao lado de ex-presidentes, bilionários e *pop stars*, estava um participante “peculiar”, um monge budista.

Toda manhã, antes de as conferências iniciarem, os participantes tinham a oportunidade de meditar e aprender técnicas de relaxamento com o monge budista. Esse monge ensinava aos bilionários e estrelas populares, além de ex-presidentes e presidentes, algo muito profundo:

“Você não é escravo dos seus pensamentos”. Obviamente que esse monge não era qualquer monge. A elite econômica não iria “convidar” um monge qualquer apenas por estar usando um manto vermelho e amarelo, além de um *iPad*. Não, o monge em questão era Matthieu Ricard, um francês tradutor do Dalai Lama e que dava palestras no TED⁶ sobre felicidade.

Esse monge participou de um estudo científico pela Universidade de Wisconsin sobre os diferentes níveis de felicidade inscritos no cérebro humano. Os neurocientistas, que ligaram em média 250 sensores na cabeça de seus pesquisados durante 3h/dia, descobriram em Ricard um ponto fora da curva: na escala “sofrimento”/“êxtase”, o monge ficou conhecido, pelos cientistas do estudo, como *Mr. Happiest*. A presença de Ricard no encontro de Davos indicou a maior mudança em relação aos anos anteriores. O fórum estava cheio de falas sobre “*mindfulness*”, técnica de relaxamento embasada numa combinação de psicologia positiva, budismo, terapia comportamental cognitiva e neurociência”. No total foram 25 sessões (palestras) em 2014, focadas sobre a questão do Bem-Estar, em um senso mental e físico, mais que o dobro do número de 2008 (DAVIES, 2018, p. 2, 3). Para Davies os *police-makers* tomaram o caminho para o bem-estar e a felicidade baseados em noções vinculadas à psicologia positiva, neurociência e teoria comportamentalista cognitiva... com algumas místicas, especialmente budistas.

Segundo Davies (2016, p. 118 e ss.), todas as práticas envolvendo os altos negócios, desde a década de 20 do século passado, advêm primeiro como teoria científica ou como pesquisa focal ou setorial baseada em algum programa de pesquisa. Ideias, conceitos, mesmo focados no “mercado”, aparecem sempre como experimentos científicos pioneiros.⁷ Obviamente que nem toda ciência “serve” ao mercado capitalista e muito menos objetiva tal. Aliás, sentenças como “a ciência serve ao capitalismo”, rigorosamente, não são passíveis de verificação do seu “conteúdo” verdade. Mas com o incremento de ferramentas e mecanismos *High-Tech’s* nas democracias modernas, as pesquisas de mercado, nas grandes companhias, estão passando por fortes mudanças, principalmente pela capacidade das grandes plataformas de Internet em acumular e analisar dados. Todas as conexões na “Rede”, a cada *click* dos usuários (sejam pessoas, companhias, instituições), dados são armazenados, codificados e analisados pelas Plataformas. Assim, os dados tornam-se “itens” de valor àqueles que podem

⁶ TED – *Technology, Entertainment, Design*. É um programa de palestras sobre os mais variados temas, criado pela Fundação Sapling. Inicialmente, buscava disseminar conhecimentos sobre tecnologia e design, sob forte influência do Vale do Silício. Atualmente, seu lema é “Ideias que merecem ser disseminadas”. Disponível em: <https://www.ted.com/>.

⁷ Ver, sobre o tema, o teórico comportamentalista John B. Watson, na obra *Behaviorism* (1970).

pagar as tais Plataformas. Ainda não se sabe, porém, o alcance nem como tais dados serão utilizados nas “pesquisas de mercado”.

Da mesma forma, com o avanço da neurociência e da psicologia comportamentalista, a felicidade tornou-se um dado observado, medido e capaz de influenciar muitos aplicativos ligados às Plataformas e, também, políticas de governos (até mesmo criar medidas baseadas na Felicidade Geral, como o Índice Mundial da Felicidade⁸).

O *Twitter*, uma rede social conhecida por suas características de “*micro-blog*”, tem mais de 250 milhões de usuários que lançam 500 milhões de *tweets* por dia (DAVIES, 2016, p. 225), produzindo uma corrente de dados que pode ser analisada sob vários propósitos. A Universidade de Pittsburgh está imbuída de construir um algoritmo capaz de “capturar” como a felicidade é expressa em um único *tweet* de 140 caracteres, no máximo. Para tanto, os pesquisadores criaram uma base de dados de aproximadamente 5 mil palavras, retiradas dos textos digitais da referida rede social, e designaram um “valor de felicidade” para cada palavra, dentro de uma escala de 1 a 9. Assim, cada *tweet* – de cada usuário, teoricamente – pode ser “pontuado” e posicionado dentro da escala de felicidade (DAVIES, 2016, p. 226).

Além disso, as pesquisas sobre felicidade juntaram-se a aplicativos próprios, como o *Track Your Happiness*, desenvolvido em Harvard, e o *Mappiness*, pela Escola de Economia de Londres. Tais aplicativos podem “gerar dados” em pouco tempo; dados inimagináveis há algumas décadas. Obviamente que o problema não está na concepção de felicidade nem no desenvolvimento de tais aplicativos, mas sim nas possibilidades de controle social das emoções. Algo novo, com um potencial ainda não explorado, mas, pela amostragem de tais pesquisas de sugestionamento, abre-se uma nova possibilidade de controle de milhões de “usuários” por governos e grandes companhias. É o caso da pesquisa de Kramer, Guillory e Hancock sobre algumas evidências experimentais de contágio emocional, em grande escala, pelas redes sociais.

Para Davies (2016, p. 74), o artigo de Kramer *et al.* (2014) mostrou, com quase um milhão de usuários do Facebook, que a plataforma é muito capaz de influenciar e até mesmo modificar os sentimentos de seus usuários.

Para José Van Dijck *et al.*, na obra *The Platform Society* (2018), a promessa das plataformas é de oferecerem serviços personalizados que contribuam para a inovação e o crescimento econômico, ao mesmo tempo em que contornam as organizações existentes. Mas

⁸ Os relatórios estão disponíveis, gratuitamente. Disponível em: <https://happiness-report.s3.amazonaws.com/2020/WHR20.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2022.

assim como Davies, para Van Dijck *et al.* as plataformas podem obter um poder sem precedentes porque são as únicas capazes de conectar e combinar fluxo de dados e fundir informação e inteligência. Mas esse caminho é um dos plausíveis; para os autores, é possível organizar ou tensionar as plataformas com base em valores públicos (VAN DIJCK *et al.*, 2018, p. 48).

O que Van Dijck *et al.* (2018) entendem por Sociedade de Plataforma é a visão de um mundo conectado em que as plataformas penetraram no coração das sociedades – afetando instituições, transações econômicas, práticas culturais e sociais. A expressão plataforma social também reflete a disputa entre ganhos privados *versus* benefícios públicos. As plataformas potencializam os ganhos pessoais e corporativos e colocam pressão nos meios públicos e nos serviços públicos.

Para Van Dijck *et al.* (2018), as plataformas não são neutras: elas influenciam na organização dos valores públicos. As plataformas vêm com normas e valores inscritos em sua arquitetura. Essas normas podem ou não colidir com os valores “gravados” na estrutura social em que as plataformas estão implementadas. Sociedade de plataforma se refere a uma sociedade na qual o tráfego/os tráficos/a trafegabilidade social e econômica são canalizados e aumentados por um ecossistema de plataformas online, dirigidas por algoritmos e abastecidas por dados (*data*). Tal ecossistema é operado por um “punhado” de grandes companhias de tecnologia. As “*Big five*” *tech companies*.

A anatomia das plataformas pode ser descrita assim: a plataforma é abastecida por dados automatizados e organizados por algoritmos e interfaces, formalizada numa relação de propriedade, dirigida por modelos de negócios e governada mediante termos de acordo do usuário (*user agreements*). A cada movimento e clique do mouse, o usuário está gerando dados que são armazenados, analisados e processados, com informações detalhadas sobre interesses, preferências e gostos.

Há dois tipos de plataformas: a infraestrutural e a setorial. As plataformas infraestruturais são mais influentes. Elas formam o núcleo do ecossistema onde muitas outras plataformas e *apps* podem ser construídos. A distinção entre as duas plataformas – infra e setorial – é de difícil definição. Ambas estão em uma dinâmica de constante integração.

Os termos infra e setorial das plataformas devem ser compreendidos como papéis e relações que os atores assumem, em vez de categorias fixas. Esses papéis se modificam ao longo do tempo e dos contextos.

A mídia social pode viralizar uma notícia e ocultar outra. As plataformas corporativas do *Big-Five* orientam como as plataformas setoriais, instituições da sociedade, companhias e

bilhões de usuários interagem. Há três usos de dados nas plataformas. A datificação é uma ferramenta que pode quantificar todos os dados de interação dos usuários. Essa “ferramenta” tem o potencial de desenvolver técnicas preditivas e análise dos dados em tempo real.

Há, ainda, o *mecanismo de comodificação* (VAN DIJCK et al., 2018, p. 37), que envolve a transformação da plataforma online e de objeto *off-line*, atividades, emoções, ideias, em mercadorias negociáveis. Essas mercadorias são valoradas através de quatro diferentes tipos de moedas: atenção, dados, usuários e dinheiro. O *mecanismo de comodificação* depende da alimentação do mecanismo de *datificação*.

As estratégias de *comodificação* criam plataformas dinâmicas que habilitam e modelam as escolhas econômicas enquanto, simultaneamente, definem a participação de uma larga variedade de usuários. Com isso, alteram taxas transacionais em vez de inscrição por taxas ou venda de dados e publicidade sem cobrança de taxas – cada escolha gera uma dinâmica diferente.

Os esforços individual e institucional de usuários para se promoverem, e seus conteúdos e serviços, tende a intensificar a *comodificação* dos dados dos usuários, dos bens e dos serviços pelas plataformas. Mais “*clicks*” significa mais tráfego de dados, que significa mais poder aos operadores de plataformas, particularmente o *Big Five* (VAN DIJCK et al., 2018, p. 40). *Seleção, datificação e comodificação* estão intimamente ligados às maneiras pelas quais as plataformas orientam a interação dos usuários por meio da seleção e curadoria dos mais relevantes tópicos, termos, atores, objetos, ofertas, serviços.

A *seleção* não é apenas modelada pelos usuários e suas práticas *online*, mas, também, se constitui mediante estratégias tecno-comerciais de caixa preta (VAN DIJCK et al., 2018, p. 41). Ou seja: na minha compreensão, é um sistema complexo de entradas (*input*) e saídas (*output*) em que há uma relação entre o estímulo de entrada e a resposta de saída. Não há causalidade entre *input* e *output*.

Considerações finais

As plataformas determinam algoritmicamente interesses, desejos e necessidades de cada usuário na base de uma ampla variedade de sinais *datificados*. A personalização depende de análises preditivas baseadas em padrões de dados individuais. As plataformas de algoritmos têm uma propensão em *viralizar* e “espelhar” conteúdos e tendências.

Nesse sentido, o olhar de Van Dijck et al. é mais aguçado para compreendermos o poder econômico e de influência de tais Plataformas *online* sobre as sociedades. Ao contrário de

Davies, José Van Dijck *et al.* não vê as *Big Five* tão alinhadas e com os mesmos interesses governamentais. Aliás, fica claro, na visão dos autores, que muitos valores “impressos” na estrutura social se chocam com os valores simbólicos em tais Plataformas. Logo, há bem mais choque de valores e interesses entre as *Big Five*, as sociedades e os governos do que Davies imagina. Obviamente que, em relação ao tema da felicidade, as Plataformas parecem estabelecer um “acordo conceitual” com a escola utilitarista. E não poderia ser diferente: a única vertente teórica que concebeu a felicidade como um dado capaz de checagem empírica, medição, aferição, testes, foi o utilitarismo e suas decorrências na psicologia, na economia, na sociologia e na neurociência. Nomes como Daniel Kahneman na psicologia, António Damásio na neurociência/medicina, Richard Layard na economia, são alguns que mantêm o utilitarismo vigoroso e, é claro, contribuíram/contribuem ao deslocamento do tema da felicidade à ciência.

Como vimos, para Marías (1998, p. 23), não existe apenas uma maneira de conceber a felicidade, pois ela está imbricada a uma série de situações. Para ele, “sentir-se feliz ou não depende do tempo, do país, do tipo humano, de cada caso individual e cada uma das fases da vida”. Fica claro também, após a leitura de sua obra, que a felicidade é impossível de se alcançar em sua plenitude, exatamente pela contingência do próprio ser humano e seu caráter faltante.

Por fim, nos parece que a concepção de Marías coincide, em alguns momentos, com a teoria contemporânea de felicidade e, às vezes, se afasta. O filósofo, obviamente, não nega a avaliação subjetiva em relação à felicidade, não nega os prazeres como componentes da felicidade, nem as condições materiais de existência. Não confunde momentos de alegria com felicidade, recordações agradáveis com felicidade, momentos prazerosos com felicidade. Sua concepção de felicidade é essencialista, e aí começam os problemas, segundo a nova teoria científica de felicidade.

Para os cientistas contemporâneos, o termo felicidade deve ser bem definido e elucidado antes da investigação. Não adianta recorrer à filosofia antiga, buscando “o sentido verdadeiro” de felicidade. É preciso definir o que se quer investigar. Assim, se os pesquisados se consideram felizes ao avaliarem positivamente suas vidas e se a pesquisa científica sobre a felicidade busca tal objetivo (a avaliação subjetiva dos pesquisados sobre felicidade), não é o filósofo que vai decretar conceitualmente o que é felicidade (essa argumentação se encontra, por exemplo, em Layard, 2008). A pergunta que Marías faria a cientistas da felicidade do tipo como Layard é: então, por que usar o termo felicidade? Podem trocar por bem-estar, sentir-se bem, e muitos outros. Outro ponto levantado por Davies (2016) e Van Dijck *et al.* (2018), é o interesse em tais pesquisas e a possibilidade do uso delas sobre felicidade como mais uma ferramenta de manipulação e controle emocional por parte de governos ou de grandes companhias. Como

vimos em Davies (2016), há uma data, um ano (2014), em que o tema da felicidade ganhou importância para políticos e milionários. Isso quer dizer que economistas como Richard Layard e psicólogos como Daniel Kahneman trabalham para grupos de interesse? Obviamente que não. Suas pesquisas são sérias e têm respaldo científico. Há, porém, desde a modernidade, um “deslocamento” de problemas, antes filosóficos, para o campo científico, o que também aconteceu com o problema da felicidade. O que filósofos como Marías podem nos ajudar a compreender é que a felicidade depende de algo maior, de uma visão de mundo. E que, mudando nossa visão de mundo, mudamos, conseqüentemente, nossa concepção de felicidade. Tal fato é reconhecido também pelos cientistas modernos que abordam o tema da felicidade (mais uma vez apontamos, aqui, Daniel Kahneman e Richard Layard).

Portanto, a felicidade e as respectivas reflexões sobre ela deslocaram-se (embora ainda haja muita reflexão filosófica contemporânea sobre o tema), ganhando novas formulações com a ciência moderna. Não é o fato de aprovar ou desaprovar, apenas de constatar.

Referência

BENTHAM, Jeremy. Uma introdução aos princípios da moral e da legislação. *In: Os Pensadores*. Trad.: Luiz João Baraúna. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

DAMÁSIO, António R. **Looking for Spinoza**: joy, sorrow and the feeling brain. Flórida: Harcourt, Inc., 2003.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. Tradução de Dora Vicente; Geogina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAVIES, Willian. **The Happiness Industry**: How the Government and Big Business Sold Us Well-Being. London/New York: Verso, 2016.

KAHNEMAN, Daniel. Objective Happiness. *In: KAHNEMAN, D., DIENER, E. and Schwarz, N., Eds. Well-Being: The Foundations of Hedonic Psychology*, Russell Sage Foundation, New York, p. 3-25, 1999.

KRAMER, Adam; GUILLORY, Jamie; HANCOCK, Jeffrey. Experimental evidence of Massive-Scale Emotional Contagion Through Social Networks. **Proceedings of the National Academy of the Sciences**, 111: 24, 2014. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/111/24/8788>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LAYARD, Richard. **Felicidade**: lições de uma nova ciência. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008.

MARÍAS, Julián. “El tiempo que ni vuelve ni tropieza”, Obras, VII. **Revista de Occidente**, Madrid, 1966,

MARÍAS, Julián. **A estrutura social**. Teoría e método. São Paulo: Duas Cidades, 1955.

- MARÍAS, Julián. **Breve tratado de la ilusión**. Alianza Editorial: Madrid, 2009.
- MARÍAS, Julián. **La felicidad humana**. Ciudad del Mexico: Aliana Editorial, 1998.
- MARÍAS, Julián. **O tema do Homem**. São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- MARÍAS, Julián. **Una vida presente**. Memorias, Paginas de Espuma: Madrid, 2008.
- ORTEGA y GASSET. **Meditações do Quixote**. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967.
- ORTEGA y GASSET. **O que é filosofia?** Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.
- POPPER, Karl. **Lógica das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Editora da UnB, 1978.
- POPPER, Karl R. A Lógica da Investigação Científica. *In: Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultura, 1980.
- TED – Technology, Entertainment, Design. Disponível em: <https://www.ted.com/>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WALL, Martijn de. **The Platform Society: public values in a connective World**. New York: Oxford Univerty Press, 2018.
- WATSON, John B. **Behaviorism**. New York/US: W. W. Norton, 1970.